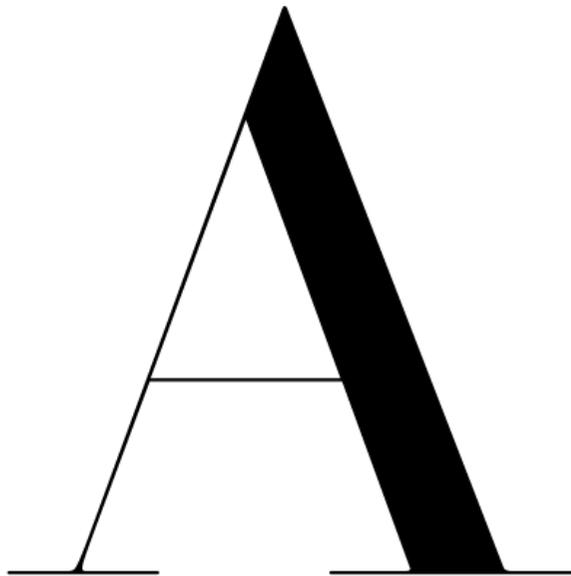




CATARINA FURTADO

EMBAIXADORA DE BOA VONTADE UNFPA E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO CORAÇÕES COM COROA

## O CASAMENTO INFANTIL FOI BANIDO PELA CONVENÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E PELA CONVENÇÃO SOBRE A ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO SOBRE AS MULHERES, MAS A VERDADE É QUE PERSISTE.



### ANTES E DURANTE

Esta menina chama-se Ghulam e tem 11 anos, o seu noivo chama-se Faiz e tem 40! Momentos antes do seu casamento, no Afeganistão, sentam-se para uma fotografia naquela que irá ser a sua casa. Assim que o pai de Ghulam concordou com o noivado, ela foi de imediato retirada da escola. O sonho de vir a ser professora evaporou-se. Os seus direitos foram violados. Ghulam passou a fazer parte da estatística: por dia, 39 mil meninas em idade de brincar e ir à escola ficam noivas e casam. Noventa e cinco por cento dos partos de mães adolescentes ocorrem em países em desenvolvimento e milhares culminam em mortes maternas. O Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA) estima que na próxima década existirão mais de 142 milhões de meninas noivas! Os pais, as comunidades e os países querem o melhor para as suas raparigas. Mas podem não perceber que ao limitar a sua educação e a forçá-las a casar numa idade tão precoce, estão a colocá-las em risco, a perpetuar o ciclo de desigualdade, discriminação, pobreza e, na maior parte das vezes, a expô-las a uma imensa violência física e psicológica. Em comunidades com prevalência de casamento infantil, as famílias enfrentam pressões sociais para que a prática se mantenha. A não conformidade com os padrões locais pode traduzir-se na ridicularização, desaprovação, vergonha e perda de estatuto para a família. Grande parte das vezes, os pais retiram as suas filhas da escola para as protegerem de relações sexuais fora do casamento. Vários casamentos arranjados realizam-se com homens muito mais velhos, alguns sexagenários, que as meninas conhecem pela primeira vez no dia "especial". Muitas famílias hindus, por exemplo, acreditam que sobre si recaem bênçãos se as raparigas casarem antes da primeira menstruação. O casamento infantil foi banido pela Convenção dos Direitos da Criança (CDC) e pela Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação sobre as Mulheres (CEDAW), mas a verdade é que persiste, especialmente nas zonas empobrecidas e rurais do mundo em desenvolvimento.

Pode fazer parte da tradição local, os pais podem acreditar que protege o futuro das suas filhas, a pobreza e os conflitos podem ser fatores im-

pulsionadores, mas o casamento infantil resulta frequentemente da redução de escolhas. As raparigas que deixam de ir à escola ficam particularmente vulneráveis.

O mundo não se pode dar ao luxo de perder, todos os dias, os direitos, a saúde e o potencial de milhares de meninas /mulheres. Esta realidade pode mudar. Se quisermos!

### DEPOIS

Nujood Ali tem 12 anos, nasceu no Líbano. Há dois anos que recuperou este sorriso lindo! Casou antes dos dez, divorciou-se há dois. O marido tinha mais 20 anos que Nujood. A sua história é inspiradora mas infelizmente pouco comum e originou ondas de choque pelo país e fez o parlamento considerar um projeto de lei sobre a idade legal mínima para o casamento. O projeto de lei está ainda pendente. Mas Nujood oferece a sua voz às outras crianças: "Não deixem casar os vossos meninos e meninas! Estão a estragar a sua infância!"

E o que é que nós podemos fazer? Esta é a pergunta que se solta depois de nos confrontarmos com tantas histórias cruéis sobre direitos negados. Partilho convosco reflexões feitas por quem trabalha diariamente para combater esta prática tradicional nefasta:

- > Criar uma consciência global para esta violência, chamar a atenção para as suas consequências e advogar os direitos das crianças em risco e das raparigas casadas;
- > Trabalhar com *policy-makers* e parlamentares para adotar e impor leis contra o casamento infantil (incluindo o aumento da idade mínima para os 18 anos e eliminar as diferenças da idade legal entre rapazes e raparigas);
- > Trabalhar com a sociedade civil (organizações comunitárias, líderes religiosos, tradicionais e "guardiões" culturais) assim como com as famílias e as próprias meninas e raparigas, no sentido de identificar os perigos e procurar alternativas coletivas para desencorajar e acabar com a prática;
- > Promover investimentos que aumentem as capacidades e competências das raparigas adolescentes;
- > Apoiar raparigas casadas que precisam de suporte social para superar o seu isolamento extremo.

No fundo, nós podemos fazer muito mais do que aquilo que às vezes pensamos ou acreditamos. Estar informado, não virar a cara a estes olhares que nos convocam a estender a mão é definitivamente um primeiro passo para agir.

Participem e partilhem.

[www.popdesenvolvimento.org/continuamosaespera](http://www.popdesenvolvimento.org/continuamosaespera)



**CONTINUAMOS À ESPERA.**